

**A REPRESENTAÇÃO DA SENSUALIDADE NA REVISTA *TPM*: UMA ANÁLISE
DAS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO NA PUBLICAÇÃO *TRIP PARA MULHERES***

Viviane Garbelini Cardoso¹

Resumo

Este artigo busca compreender de que maneira a revista *Trip Para Mulheres (Tpm)* representa os gêneros masculino e feminino, com enfoque na construção da sensualidade. Como metodologia, utilizou-se, prioritariamente, a Análise de Discurso. Foram estudadas duas edições diferentes: referentes a junho de 2005 e junho de 2015. Partiu-se do pressuposto de que vivemos em um momento histórico no qual as narrativas midiáticas são indispensáveis para o entendimento das identidades de gênero. Além disso, elas se mostram abertas para novas possibilidades e redefinem o que é - e o que não é- sensual. É isso que foi investigado.

Palavras-chave: Imprensa feminina. Revista *Tpm*. Estudo de gênero. Representação midiática. Análise de discurso.

Qualquer entendimento fundamental do mundo se faz discursivamente. O presente artigo parte dessa premissa endossada por Gabriel Liiceanu no livro *Da Sedução*. Nesta obra, o filósofo romeno constrói uma espécie de inventário dos paradigmas cultural, moral e religioso de sedução, utilizando-a como instrumento de investigação da cultura europeia. A partir dele, é possível trazer sua reflexão para o contexto atual da mídia brasileira.

As construções dos perfis de homens e mulheres - em seus aspectos histórico, social, psíquico - foram marcadas, historicamente, na materialidade discursiva. Como explica Maria Inês Lucena (2008, p.14), as questões de gênero nem sempre correspondem à diferença biológica entre os sexos masculino/feminino, pois são discussões sobre as identidades do ser humano.

Identities que são representadas em veículos de comunicação que, enquanto formadores de opinião, também propõem regras e estilos de vida a serem seguidas pelos

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: vivyanegarbelini@gmail.com

indivíduos leitores. Além de, constantemente, propagarem a ideologia vigente na sociedade e seus respectivos padrões éticos e estéticos.

A produção midiática permeia a cultura com elementos cuja lógica é a do mercado e da acumulação, conforme argumenta Maria Luisa Mendonça (2008). Aqui complementamos: a lógica da descartabilidade. Mendonça (2008) trabalha com a ideia de que os agenciamentos discursivos podem funcionar como elementos de constituição e reforço de identidades para o indivíduo. Ao explicar os conceitos do sociólogo brasileiro Muniz Sodré, a autora argumenta que:

Pode-se dizer que a profusão de imagens e significados que circulam na sociedade contemporânea interfere na constituição do imaginário das pessoas seduzindo-as e induzindo-as a compartilhar de um mesma visão de mundo. A realidade percebida, os comportamentos, as condutas e as possibilidades são modelados pelos discursos midiáticos não de uma forma impositiva, mas de forma multidimensional, que incidem em múltiplos níveis da consciência e percepção humana (Mendonça, 2008, p.41).

A imprensa apresenta diversos conteúdos relacionados à sexualidade, à sensualidade e à sedução. Neste trabalho, entendemos os três conceitos como construções sociais relevantes em especial porque não dizem respeito exclusivamente à esfera privada. Para analisar as maneiras como a imprensa feminina representa a sensualidade, é importante pontuar que os padrões do “ser ou não ser sensual” dependem do quadro cultural da época e sua respectiva localização no espaço.

Com o objetivo de compreender nossa atualidade, aceitamos aqui os conceitos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que nos auxilia ao fornecer as metáforas de modernidade sólida e modernidade líquida, cada qual figurando um tempo histórico.

Sociedade em liquefação

A modernidade sólida se refere, aproximadamente, ao período entre 1500 e 1960. Porém, mais importante que sua cronologia é sua caracterização. A referida solidez se ancorava na ordem e na estabilidade. Foi a era de ouro da razão, da ciência e da consciência como

única constitutiva do sujeito. Tratava-se de uma modernidade pesada, volumosa, rígida e enraizada.

Já a modernidade líquida referencia o período que se iniciou em 1960 e segue até os dias atuais. Para Bauman, a fluidez funciona como a principal metáfora para o estágio presente da era moderna porque os fluidos não mantêm sua forma com facilidade. Trata-se de uma modernidade leve, volátil, flexível e rizomática.

Estamos saindo de um momento histórico em que havia poucos grupos de referência para muitas pessoas e passando a viver um momento no qual cada indivíduo, durante toda a sua vida, realiza uma comparação universal, pois não há mais um roteiro entregue de antemão. Existem várias possibilidades, no entanto:

O capitalismo leve, amigável com o consumidor, não aboliu as autoridades que ditam leis, nem as tornou dispensáveis. Apenas deu lugar e permitiu que coexistissem autoridades em número tão grande que nenhuma poderia se manter por muito tempo e menos ainda atingir a posição de exclusividade (Bauman, 2001)

A existência de inúmeras autoridades pode parecer uma contradição, já que poderia-se supor que elas se cancelariam mutuamente. Contudo, o sociólogo ressalta que existem aqueles que afirmam estar “por dentro” e estão prontos para orientar os que se veem, de alguma maneira, desorientados. Não se trata de líderes, sim de conselheiros.

Um líder é seguido, admirado e demanda disciplina de seus liderados. Ele discursa sobre um “nós”, pois é intermediário entre o bem individual e o bem comum. O conselheiro, por sua vez, pode ser contratado/demitido e demanda apenas a atenção de seus aconselhados. Ele não fala nada além de “eu+você” e costuma se limitar à esfera do privado. Os bons conselheiros sabem que os ouvintes sempre desejam uma lição-objeto, ou seja: um exemplo a ser copiado.

Isso porque atualmente, há uma sensação generalizada de estar abandonado à própria sorte, pois o discurso dominante é o de que se deve realizar por si próprio todas as tarefas. O “faça você mesmo” deixou de se referir apenas a pequenos trabalhos manuais

para indicar também o grande projeto do indivíduo, que é sua própria vida. Ainda que tudo seja responsabilidade individual, esse “eu” pode contar com o suposto auxílio dos que estão conselheiros e seus exemplos.

A partir do que é teorizado por Bauman, podemos inferir que a figura do conselheiro não é materializada apenas em pessoas, mas também em veículos de comunicação. Isso posto, é possível imaginar uma revista como uma conselheira. Sendo uma conselheira, ela indica os caminhos para atingir tudo o que é, segundo os seus preceitos, desejável. Ela também aconselha a leitora quanto ao que desejar ser e desejar ter.

Esses aconselhamentos circulam em um jogo de expectativa e desejo e nele jogam as narradoras da revista e suas leitoras. Segundo o filósofo romeno, estamos sempre preparados para sermos seduzidos (Liiceanu, 2014, p.17).

Essa colocação remete ao que, de acordo com a explicação de Bauman (2004, p. 116), Martin Heidegger havia insinuado: antes que se possa iniciar qualquer escolha, já estamos imersos no mundo e sintonizados com essa imersão.

Com isso, podemos pensar que a leitora de *Tpm* encontra-se pré-disposta a entender como sensual o que lhe é apresentado como sensual. Para expandir a análise, analisemos as edições de junho de 2005 e junho de 2015.

O que você amar você é

Letícia Spiller é a celebridade que protagoniza a capa da edição de 2005. Partindo do pressuposto de que o corpo é portador visível da autoidentidade, torna-se relevante a seguinte descrição: seu corpo, magro e à mostra, parece estar em conformidade com os padrões estéticos propostos pela cultura hegemônica e amplamente propagados pela indústria cultural. Seu rosto é igualmente compatível com os parâmetros citados: traços delicados, olhos verdes, pele branca. A maquiagem aparenta ser sutil e as maçãs do rosto aparecem coradas. Seu olhar é levemente provocativo, mas ela não parece muito preocupada em seduzir o leitor.

A atriz nada veste em sua parte superior, mas traça uma calça preta, da qual pode ser vista apenas uma parte. Tal nudez parcial pode ser interpretada como uma maneira da celebridade revelar um lado mais íntimo, porém não necessariamente sexual. A chamada de capa complementa essa interpretação: “Letícia Spiller, editora convidada, revela sua beleza interior” (*Tpm*, 2005). Ela não parece estar vivenciando seu lado de “símbolo sexual”, inclusive porque não é de sexo que se trata o conteúdo por ela produzido, no papel de editora convidada da publicação.



Figura 1. Capa da edição de junho de 2005.

Na seção “Editoras convidadas”, o parágrafo introdutório de “Mais mulheres de Tpm” explica o seguinte:

Começa aqui a seção Editoras Convidadas. Como sempre, estrelada por mulheres modernas das mais variadas tribos. A atriz Letícia Spiller conta o que gosta de fazer no Rio de Janeiro. A escritora Clarah Averbuck fala de Hunter Thompson. A produtora de moda Maria Prata diz como aprendeu a chorar. A produtora cultural Marília Toledo explica uma louca obsessão. A radialista Patrícia Palumbo narra suas caravanas - além delas, outras oito. Também convidamos nossas editoras a refletir sobre um mesmo tema perguntando: o que é felicidade para você? (*Tpm*, 2005).

Duas páginas são dedicadas a atriz. Na primeira delas, há um pequeno texto intitulado "Meu ideal carioca". Nele, estão elencados os lugares preferidos da atriz carioca que, segundo sua descrição "é fascinada pela cidade maravilhosa". Os lugares mencionados são: Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), restaurante Aprazível, Fundação Progresso, shopping Rio Design Center e Pedra Bonita.

Na segunda página, vê-se uma montagem das seguintes fotografias: restaurante Aprazível, CCBB, Letícia beijando seu filho Pedro e a pedra da Gávea. À época, Spiller tinha trinta e dois anos e seu filho, oito. Há também a seguinte citação: "Minha maior felicidade é ver meu filho com saúde de feliz. Tem uma frase de que gosto muito, do poeta persa Rûmi, que resume um pouco tudo isso: 'o que você amar você é'".

Após essa leitura, ratifica-se que a parcial nudez de Spiller pouco está relacionada à sensualidade em seu sentido estritamente sexual. Se o sedutor é aquele que leva alguém à parte, nesse caso, a atriz seria sedutora apenas na medida em que conduz, tal qual uma amiga, a leitora por sua cidade natal - mostrando quais lugares deveriam ser visitados e assegurando uma posição de exemplo a ser seguido.

A edição traz também a reportagem "Por que ainda vivemos loucas para casar?", cuja chamada de capa é "Por que ainda precisamos desesperadamente casar? As novas explicações da ciência para esse drama feminino". Sua diagramação mimetiza uma caixa de medicamento, fato que se explica com o seguinte trecho:

É assim desde a pré-história: mulheres, mais do que homens, querem acasalar. Podemos até dizer, modernas e bem-sucedidas que somos, que se 'o cara' não pintar, não tem problema. Balela. Toda mulher precisa de um par. A busca, como veremos aqui, é saudável desde que efetuada com moderação. Mais ou menos como remédio: na dose certa, pode ser bom. Na errada, vira veneno. E não se culpe, essa nossa necessidade de casa nada tem a ver com negação ao feminismo ou carece - é puramente biológica (*Tpm*, 2005).



Figura 2. Reportagem da edição de junho de 2005.

O texto argumenta que por mais que muitas mulheres neguem o fato de que gostariam de ter uma espécie de príncipe encantado, "a verdade, que muitas vezes é só nossa, é que queremos o tal príncipe. Um pouco mais moderno que aqueles dos desenhos animados, mas igualmente sedutor. Não há nada de errado com isso. Desde que entendamos por que somos assim".

Para esse entendimento, a reportagem conta com pontos de vista de duas escritoras (uma solteira e uma casada), uma psicanalista, uma antropóloga e um dramaturgo. Juntos, os pequenos textos dialogam e criam sentidos entre o destino biológico da mulher e as construções sociais envolvidas, inclusive problematizando as produções audiovisuais, como filmes infantis e o seriado norte-americano *Sex and the City*.

Em *Amor Líquido*, Zygmunt Bauman investiga a fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança por ela inspirado e também os desejos conflitantes de, ao mesmo tempo, apertar e afrouxar os laços no atual momento da modernidade. Na obra, ele escreve que “a definição romântica do amor como ‘até que a morte nos separe’ está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía

seu vigor e sua valorização” (Bauman, 2004, p.19).

O excerto aponta para o enfraquecimento do casamento enquanto sólida instituição social, que a publicação aqui analisada não se furta de anunciar. No entanto, a presença do texto da escritora casada e da questão instintiva do desejo por acasalamento, apontada pela psicanalista, indicam a complexidade do matrimônio. Ele não é simplificado em uma prescrição/contraindicação à leitora, por parte da narradora da revista, uma vez que é discutido sob diferentes ângulos tanto nesta, como em outros números da publicação. Em junho de 2015, o tema ressurge na capa.

Resistir e conquistar

“Nada superficial vai nos abalar”. Essa frase, de autoria de Bruno Gagliasso, serve como chamada de capa para a matéria sobre ele e sua esposa Giovanna Ewbank. Juntos, protagonizaram um ensaio sensual para as publicações de junho da editora Trip, caracterizado por uma leitora² como “criativamente sexy”.

“Criativo”, possivelmente devido à brincadeira feita nas capas de *Tpm* e *Trip*, caracterizadas como “revistas irmãs” pela editora. Na capa da revista feminina, Gagliasso estica seu braço em direção ao seio de sua esposa, cuja fotografia aparece na capa da publicação masculina. O braço de Giovanna Ewbank, por sua vez, é visto na capa de *Tpm*, empurrando para baixo a calça de seu marido. “Sexy” muito provavelmente porque os atores estão parcialmente vestidos, em atitude sensual. Mas, afinal, o que é *sexy*?

² O comentário da leitora foi publicado na edição de julho de 2015 da revista *Tpm*.



Figura 3 (Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank em ensaio da editora Trip. Foto: Daniel Aratangy)



Figura 4 (Capas das revistas Tpm e Trip. Foto publicada por Bruno Gagliasso em sua conta pessoal do aplicativo Instagram)

Para o autor Gabriel Liiceanu, a vida nos confronta a todo passo com a sedução (Liiceanu, 2014, p.7). Em sua obra *Da Sedução*, ele escreve que nós nos encontramos, durante toda a vida, em situações de seduzir e de sermos seduzidos. Com isso, se poderia supor que estivéssemos preparados para definir a sedução. No entanto, ao tentar fazê-lo verificamos que “exatamente as coisas que nos estão mais à mão e que fazem parte de modo mais íntimo de nossa vida são as mais difíceis de pôr a uma distância conveniente para poderem ser encaradas”. Buscando certo distanciamento científico, o filósofo desenvolve a concepção de que um sedutor é uma personagem que leva à parte, alguém que conduz à parte que ele quer (Liiceanu, 2014, p.12).

Gagliasso, portanto, é sedutor. Representado como homem de sucesso, o ator tem vinte e cinco anos de profissão e também é sócio de um restaurante localizado na cidade de São Paulo. O sucesso parece estar distante da vergonha. "Desavergonhado" é o nome do ensaio fotográfico que acompanha uma espécie de diário da data de produção das fotos.

A descrição informa: "Com 33 anos, 9 tatuagens, muitos sucessos na carreira e uma mulher do tipo *bombshell* pra chamar de sua, o ator Bruno Gagliasso volta às páginas da *Tpm* com pouquíssima roupa – e sem papas na língua". O verbo "volta" se explica pela presença do ator na capa de *Tpm* na edição de agosto de 2005. No texto, lê-se o comentário da esposa: "É um cara muito sedutor, o papo dele é bom, ele tem opinião para tudo. Isso foi o que me conquistou".

Gagliasso é, paralelamente, seduzido. Representado como um marido apaixonado pela esposa, que faz diversos elogios a ela, a exemplo de: "Como é linda, chega a dar nervoso". Quanto à adoração que o amante tem pelo ente amado Bauman (2004, p.33) comenta que há "no brilho ofuscante da pessoa escolhida, 'minha' própria incandescência encontra seu reflexo resplandecente. Ele aumenta, confirma e endossa a 'minha' glória, levando consigo, aonde quer que vá, notícias e provas dela".

O ator é ainda o marido que obedece sua esposa. De acordo com o relatório do dia, às 12h, a sessão de fotos começara e o ator, desinibido, havia tirado suas roupas, se posicionando na sala trajando apenas uma cueca. "Por que eu não tiro tudo? Ela não deixa. Por mim tiraria".

Giovanna Ewbank é uma jovem magra, loira de olhos claros. Assim como Letícia Spiller, é uma atriz famosa que está em conformidade com os padrões estéticos hegemônicos. Além de atriz, é modelo e já estrelou inúmeras campanhas publicitárias, além de ser embaixadora de uma grife de joias. Muito atenta às tendências da moda, já estrelou nas capas de diversas revistas nacionais, tais como as femininas *Boa Forma* (por duas vezes), *Corpo a Corpo*, *Glamour* e *Máxima*. Assim como a masculina *VIP* e a semanal *Quem*.

Bruno Gagliasso, por sua vez, protagoniza a capa da *GQ Brasil* do mês de agosto do presente ano. Nota-se, com isso, certa preferência por personagens saídos do mundo do espetáculo, que indica um defensável excesso de atenção que a mídia presta às celebridades – em especial da Rede Globo.

Ambos são celebridades. Ambos são cisgêneros, jovens e magros. Ambos são ricos. Juntos, formam um casal heterossexual. O casamento heterossexual, aliás, parece manter a sua posição central na ordem social. *Tpm* questiona, frequentemente, a lógica heteronormativa e demonstra preocupação com a diversidade tanto de orientação sexual, quanto de identidade de gênero. Amor e sexo aparecem de maneiras diversas, que não se prendem ao amor romântico e ao sexo heterossexual. Nesse sentido, traz uma novidade para a imprensa feminina brasileira tradicional. Contudo, o casal escolhido para a edição do mês dos namorados deste ano é constituído por um homem e uma mulher.

Sendo pessoas famosas, recebem diariamente muita atenção em seus perfis de redes sociais digitais. Neles, postam fotografias de momentos de sua intimidade. Porém, cabe assinalar que “o íntimo não pode ser recriado, mas pode ser representado e o que aconteceu uma única vez ‘entre quatro paredes’ pode tornar-se objeto de uma representação retomável infinitamente” (Liicineu, p.198).

A matéria informa que, no mesmo dia da produção do ensaio, Bruno Gagliasso postou, pelo aplicativo *Instagram*, uma foto de sua esposa mostrando que, ao chegarem no Rio de Janeiro, jantaram no restaurante do hotel Copacabana Palace. “A frase é um clichê, mas é real: você precisa sempre conquistar a sua mulher”. O vocábulo “conquistar” nos remete, novamente, ao seu papel de sedutor.

Conforme as concepções de Anthony Giddens, com a perspectiva sociológica que utiliza em sua obra *A transformação da intimidade*: a sedução perdeu grande parte do seu significado em uma sociedade em que as mulheres tornaram-se muito mais sexualmente

‘disponíveis’ aos homens do que jamais foram, embora – e isto é importante – apenas mais como uma igual, com isso os sedutores atuais parecem preocupados acima de tudo com a conquista sexual e com o exercício de poder. O sedutor, hoje, “não é alguém que cultiva o prazer sensual, mas uma pessoa que busca emoções em um mundo de oportunidades sexuais abertas”

Ainda sobre *Instagram*, parece pertinente ressaltar que ambos têm 1.9 milhões de seguidores no aplicativo, uma vez que vivemos em um “mundo em que a seriedade de algo é representada apenas por números, e portanto só pode ser apreendida dessa maneira” (Bauman, 2004, p.38). A quantidade de “curtidas” e comentários parecem ser de alta relevância para uma vida de sucesso, por isso vale informar que as capas foram muito elogiadas nas redes sociais digitais, onde a beleza do casal foi, e é diariamente, louvada com entusiasmo por inúmeros usuários.

O marido em foco é também aquele que traiu sua esposa. O problema vivenciado pelo casal foi nacionalmente noticiado:

“em 2012, quando enfrentou boatos de que poderia ser o pai do filho da modelo Carol Francischini. O casamento com Giovanna quase acabou ali. Ficaram dois meses separados e reataram antes mesmo de um exame de DNA negar a paternidade. Bruno assumiu publicamente a traição no fim do ano passado, em entrevista à Marília Gabriela em seu programa no canal GNT.”

A este artigo não interessa discorrer sobre a traição publicamente assumida por ele, tampouco o perdão publicamente concedido por ela. Cabe, a este trabalho, indicar que a questão da fidelidade/infidelidade se atualiza, atualmente, de maneira que parece reelaborar as concepções de monogamia. Uma vez que determinados comportamentos tornam-se, aparentemente, mais aceitos publicamente.

A monogamia esteve historicamente ligada ao padrão duplo: um rígido padrão que diz respeito à experiência sexual dos homens e das mulheres. Segundo ele, as mulheres entendidas como virtuosas deveriam resistir às tentações sexuais, enquanto os homens

poderiam optar livremente pela variedade sexual legitimada e inclusive recomendada como uma prática benéfica à saúde. Por isso, a monogamia sempre esteve ligada ao patriarcado, que permanece completamente entrincheirado na ordem social e econômica. O poder masculino, contudo, encontra-se sob ameaça:

A masculinidade como perda: será este tema consistente com a realidade da persistência da dominação patriarcal? A divisão sexual do trabalho permanece substancialmente intacta; em casa e no trabalho, na maioria dos contextos das sociedades modernas, os homens em sua maioria não desejam soltar as rédeas do poder. O poder está subordinado aos interesses e obviamente há considerações absolutamente materiais que ajudam a explicar por que isso ocorre deste modo. Entretanto, na medida em que o poder do homem está baseado na cumplicidade das mulheres, e nos préstimos econômicos e emocionais que as mulheres proporcionam, ele está ameaçado (Giddens, 1993, p. 148).



Figura 5 (Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank em ensaio para editora Trip. Foto: Daniel Aratagy)

O novo homem e a nova intimidade

Bruno Gagliasso está figurado em uma capa com seis chamadas, sendo uma delas a seguinte: “Pau pequeno. Por que o tamanho do pinto ainda é o maior embaraço masculino”³. Nota-se que são frases explícitas e o conteúdo da matéria utiliza a mesma linguagem informal e irreverente, que é uma das marcas de *Tpm*.

³ A transcrição exata se faz necessária para uma análise mais fiel ao texto da publicação.

Isso pode ser observado no título que, com bom-humor, pergunta: "2 cm de pau ou ganhar na mega-sena?". Trata-se de uma referência a um vídeo de autoria do canal Porta dos Fundos, hospedado no site Youtube, em que dois personagens conversam em um banheiro público sobre o tamanho do órgão em questão. Um amigo pergunta se o outro preferiria descobrir a cura para o câncer, ganhar na mega-sena - e uma série de possibilidades - a adicionar dois centímetros em sua genitália. A resposta é sempre os dois centímetros a mais.

A reportagem investiga que "na teoria, a métrica não atrapalha o desempenho sexual mas, na prática, muito marmanjo trocaria qualquer bolada por alguns centímetros a mais na anatomia". Por tal razão, a equipe da publicação foi "atrás do que há por trás da maior vergonha masculina: o tamanho do pinto". "Vergonha" é justamente o tema da edição especial que reflete sobre as suas razões e suas origens.

O texto informa que uma infinidade de desabafos de insatisfeitos com o próprio pênis povoa a internet, ao lado de anúncios com promessas de medidas adicionais. Isso evidencia que o "espaço virtual é só um reflexo do que desde sempre é falado em bares, consultórios e salões de beleza pelo mundo: o tamanho do documento".

A escritora Lola Benvenuti opina que a importância do tamanho está, possivelmente, relacionada à diferença que o estímulo visual pode fazer em uma relação sexual. Ao mencionar uma experiência frustrante vivenciada com um homem, Benvenuti sintetiza: "parece que desfaz a imagem de homem."

"Quanto, afinal, deve medir um pênis para ser considerado pequeno?", questiona a reportagem, que também indica a resposta: "Isso parece algo impossível de responder objetivamente". Diferentes pesquisas, citadas pela reportagem, constatam que o tamanho médio é relativo e varia de país para país. Além disso, não existem pesquisas oficiais sobre a ligação entre essa medida e o prazer feminino. "Mas rumores de insatisfação não faltam".

De acordo com um médico urologista entrevistado pela publicação, as queixas quanto ao tamanho são frequentes e, quase sempre, ele as diagnostica como infundadas. Segundo o doutor, muitos de seus pacientes estão dispostos a intervenções cirúrgicas, ou seja: cirurgia de aumento peniano, que tem o potencial de aumentar o comprimento do órgão em até cerca de cinco centímetros. Porém, é exclusivamente recomendada para casos de específicos e mesmo nesses casos o procedimento deve ser criteriosamente analisado, pois oferece alto risco de sequelas. O médico adverte que "o paciente pode acabar com o pênis mutilado e, muitas vezes, passa a ter problemas de ereção e alteração no canal urinário".

O desejo de muitos homens por tal aumento de medidas remete ao que Giddens (1993, p.42) comenta sobre o corpo humano que, historicamente, “tem sido sempre adornado, acarinhado e, às vezes, na busca de ideais mais elevados, mutilado ou debilitado” (idem).

Nesse caso, os ideais estão ligados à nossa sociedade falocentrista, na qual a medida do órgão sexual masculino pode interferir na imagem de seu dono. Segundo a declaração da psicanalista Maria Lúcia Homem, “acabamos sugestionados pelo imaginário poderoso que isso cria. No fundo, apenas mais um padrão, que, como qualquer outro, enquadra uns e exclui e fere os diferentes”. Para ela, “os centímetros não devem ser mais poderosos que uma ideia. ‘O desejo está na cabeça’”. Ela garante que “a solução para os pequenos e seus respectivos envolvidos é a desconstrução da lógica métrica e simplista que deposita o desejo em meras medidas”

A fala da psicanalista vai ao encontro da opinião de um dos entrevistados da subseção “O pau nosso de cada dia”, que diz: "não importa o tamanho. Reduzir alguém a uma parte do corpo é uma babaquice, e a maravilha do sexo está justamente em experimentar e pensar fora da caixinha" (Tpm, 2015).

No entanto, a desconstrução da lógica métrica continua sendo um tabu para muitos indivíduos, o que pode ser explicado se levarmos em consideração que:

nas sociedades atuais as exigências em relação à performance corporal são cada vez maiores: os corpos têm de ser belos, sadios, disciplinados, atraentes, sensuais, perfumados, prazerosos e simultaneamente obedientes a uma disciplina que os encarcera em formas e formatos estabelecidos pelas modas e que, ao longo dos anos, exige corpos cada vez mais “trabalhados” e que também exige privação dos prazeres sensoriais (Mendonça, 2008, p. 42).

As exigências para com o corpo geram, constantemente, ansiedade. O sujeito masculino teve, durante séculos, sua ansiedade encoberta, principalmente no que diz respeito à sexualidade:

enquanto várias condições sociais que a protegiam, acima observadas, estavam no devido lugar. Se a capacidade e a necessidade das mulheres de expressar a sexualidade foram cuidadosamente mantidas ocultas até pleno século XX, o mesmo aconteceu com o concomitante trauma dos homens (Giddens, 1993, p.133).

Segundo Giddens, a revolução sexual dos últimos trinta/quarenta anos não é apenas um avanço neutro na permissividade sexual, uma vez que envolve dois elementos básicos: a autonomia sexual feminina e o florescimento da homossexualidade, tanto masculina quanto feminina. Para essa revolução, uma das condições prévias foi “a criação da sexualidade plástica, agravada por sua antiquíssima integração com a reprodução, os laços de parentesco e a procriação”.

A sexualidade das mulheres era considerada essencialmente passiva, opinião esta que reforçou os atuais estereótipos. À luz das mudanças em curso no comportamento sexual, tornou-se claro que, até o ponto em que tal descrição correspondesse à realidade, ela era mais o resultado das restrições sociais impostas sobre as mulheres do que as características psicosssexuais permanentes (Giddens, 1993, p.145).

A nova posição social da mulher gerou uma nova posição para o homem e, simultaneamente, provocou redefinições da intimidade – que, para Giddens (1993, p.146) é “acima de tudo uma questão de comunicação emocional, com os outros e consigo

mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal”. Segundo o autor, (1993 p.154) “intimidade significa a revelação de emoções e ações improváveis de serem expostas pelo indivíduo para um olhar público amplo”. Ela não significa, portanto, “ser absorvido pelo outro, mas conhecer as suas características e tornar disponíveis as suas próprias” (Giddens, 1993, p.106)

Essa transformação da intimidade diz respeito ao sexo e ao gênero, mas não está limitada a eles, pois o que está em jogo é uma transição básica na ética da vida pessoal como um todo - o que, por sua vez, tem consequências na vida pública.

O pessoal é político

Para as seguintes considerações, finais apenas para este artigo, é importante ressaltar que a sexualidade é um terreno de luta política. De acordo com Michel Foucault, a sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder, não sendo simplesmente um conjunto de estímulos biológicos que encontram, ou não, uma liberação direta. Para o filósofo francês, a invenção da sexualidade foi parte de processos envolvidos na formação e consolidação das instituições sociais modernas. De acordo com ele, os estados modernos e suas organizações dependiam do controle meticuloso das populações através do tempo e do espaço.

Conforme explica Anthony Giddens (1993, p.188), para Foucault, a preocupação com a sexualidade, incluindo a invenção da própria sexualidade, seria um resultado do sucesso da vigilância como um meio de controlar o poder e as sociedades modernas não seriam baseadas - como ocorria com os sistemas pré-modernos - no poder de tirar a vida, mas no poder de desenvolvê-la; de investir completamente na vida.

Na opinião de Giddens, não existe o biopoder no sentido genérico em que Foucault o concebe. Porém, quanto ao impacto da vigilância, o historiador inglês concorda com Foucault, defendendo que a sexualidade, como muitos outros aspectos da vida pessoal,

foi completamente capturada e reestruturada, na expansão dos sistemas do poder. E, aqui acrescentamos: na expansão da modernidade, entendida por este artigo como líquida.

Atualmente, os estados modernos estão diferentes. No entanto, enquanto construção social, a sexualidade ainda mobiliza relações de poder e em seu terreno está a sensualidade, constantemente reeditando o que é/deve ser desejado. Nesse contexto, o veículo midiático aqui estudado tanto representa tais novos modelos, como colabora para a criação dos mesmos. Essa foi uma leitura possível, outras leituras são igualmente desejáveis.

Referências

Capítulos de livros

LUCENA, M.I. (2008) **A vez do homem: representações do masculino em capas de revista**. In Representações do masculino: mídia, literatura e sociedade. Organizadores Maria Inês Ghilardi-Lucena, Francisco de Oliveira. Campinas: Editora Alínea.

MENDONÇA, M.L. (2008). **Identidade e sedução: representação do homem negro na revista *Raça Brasil***. In Representações do masculino: mídia, literatura e sociedade. Organizadores Maria Inês Ghilardi-Lucena, Francisco de Oliveira. Campinas: Editora Alínea.

Livros

BAUMAN, Z. (2001). **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____, Z. (2004). **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

BUITONI, D. (1986), **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. (1981) **Mulher de papel: A representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Edições Loyola

BUTLER, J. (2010). **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GIDDENS, A. (1993). **Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora Unesp.

LIICEANU, G. (2014). **Da Sedução**. Campinas: Vide Editorial.

LIPOVETSKY, G (2009). **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras.

Revistas

Tpm. Ano 08 , Número 88 (Junho 2009).

Tpm. Ano 14, Número 154 (Junho 2015).

Tpm. Ano 14, Número 155 (Julho 2015).

